



Créditos da Imagem: Depositphotos

COOPERATIVISMO

A luz que vem de Rochdale

por **JOSÉ ANTONIO DE SOUZA
ROSSATO JUNIOR**

As grandes crises aceleram a história e, sob um mundo conectado, a velocidade das transformações é rapidamente percebida. A pandemia de Covid-19 está sob controle e a crise de saúde acabou. Em breve nos depararemos com essa aguardada notícia. Entretanto, no caminho ainda há desafios e dúvidas que pairam sem respostas: a duração

desta crise e as suas consequências reais em vítimas, além de seus impactos sociais e econômicos. Neste momento, carecemos sobretudo de previsibilidade. Sob estas incertezas, há uma clara percepção de que o mundo será definitivamente diferente. Os valores e princípios podem ser elencados como pedra angular nas relações interpessoais e nas organizações. O movimento promovido pelas cooperativas pode ser a luz para este mundo diferente (e melhor) para a humanidade.

Essa pandemia atual já é a mais severa desde a gripe espanhola, em 1918, considerada a pior da história, que se espalhou por todo o planeta e vitimou cerca de 40 milhões de pessoas. Do ponto de vista econômico, suas consequências podem ser similares à Grande Depressão na década de 1930 e ao desafio da reconstrução dos países europeus após a Segunda Guerra Mundial. A grande diferença desta crise atual é a rápida deterioração dos fundamentos macroeconômicos e a dinâmica de contágio nas empresas em diversos setores globais. Em um curto espaço de tempo, o mundo mergulhou em um cenário de grande apreensão e inúmeras incertezas.

Os efeitos no curto prazo são devastadores no mundo todo. No médio prazo ainda são imprevisíveis. Empresas maiores, com boa estrutura de capital e que possuem caixa preservado podem suportar esta crise por um tempo maior. Entretanto, as pequenas e médias empresas, que não possuem um caixa suficiente para ser consumido, tendem a sofrer sobremaneira. Independentemente do seu tamanho, mesmo as empresas com uma certa folga no caixa serão afetadas pela crise, em decorrência da significativa queda de renda das pessoas e a provável diminuição no consumo de produtos e serviços. A queda do Produto Interno Bruto (PIB) é similar à causada há quase um século na Grande Depressão. O desemprego mundial deve atingir patamares históricos. Já é recorde o pedido de seguro-desemprego em diversos países, o que revela a magnitude da devastação econômica causada por essa pandemia. Há um possível aumento do protecionismo sob uma onda antiglobalização, redu-

ção dos investimentos estrangeiros e arrefecimento do comércio entre os países. O sentimento de medo e desconfiança das pessoas é enorme.

A Queda do Muro de Berlim significou o fim do regime socialista. A pandemia de Covid-19 pode ter ressonância semelhante e colocar em xeque o sistema capitalista tradicional e como o conhecemos até os dias de hoje.

As sociedades de capital, geralmente, com uma visão exclusiva de lucro, o qual é dividido entre os acionistas e proporcional ao seu capital, têm suas decisões estratégicas concentradas em seus executivos e acionistas controladores. Essas organizações, sob um modelo focado exclusivamente na maximização de lucros para os seus acionistas, têm enfrentado grande pressão por um novo modelo de negócios, sob uma nova ótica do capitalismo.

Alguns sinais latentes da necessidade de um reposicionamento do capitalismo já eram notados desde o início deste século XXI: as lideranças globais das grandes empresas, em movimento crescente, têm compartilhado a necessidade de uma nova postura das suas organizações, com geração de valor compartilhado e que impacte positivamente no meio ambiente e na vida das pessoas. A BlackRock, maior gestora de ativos do mundo com mais de US\$ 6 trilhões sob sua administração, compartilhou com seus investidores uma carta intitulada *A Sense of Purpose* (“Um Senso de Propósito”, em tradução livre). A partir deste provocativo documento, buscou-se compartilhar a responsabilidade das empresas em incluírem uma agenda sustentável vis-à-vis ao vácuo de atitudes governamentais na condução dos desafios socioambientais do mundo.

Na última edição do Fórum Econômico Mundial, realizada em Davos, executivos de diversas áreas reafirmaram a necessidade de uma reação ao velho capitalismo de *shareholder* (focado exclusivamente aos interesses dos acionistas), que trouxe desigualdade e uma crise climática. Ainda, a própria Organização das Nações Unidas tem capitaneado a Agenda 2030: uma declaração global de interdependência e que abrange dezessete objetivos de desenvolvi-

mento sustentável para erradicar a pobreza e promover vida digna a todos com os recursos limitados do planeta.

Neste movimento virtuoso em prol de organizações que consideram os aspectos ambientais, econômicos, sociais e de governança corporativa (ou EESG, na sigla em inglês), sem abrir mão do lucro, tem surgido o conceito do novo capitalismo, também intitulado de moderno ou consciente. Trata-se de um movimento em que organizações com princípios, transparência, valores e direcionadas a todos os interessados (*stakeholders*) buscam perenidade nos negócios com impacto positivo na sociedade e baixa intervenção no meio ambiente.

Essa necessidade de um reposicionamento das organizações sob um novo capitalismo pode ter como fonte de aprendizado o modelo de negócio do cooperativismo. As cooperativas são organizações constituídas por pessoas e que mantêm, no seu modelo atual, as raízes da sua origem em Rochdale, na Inglaterra, em 1844. Na época, diante de uma profunda crise produzida pela Revolução Industrial, a qual trouxe grande desenvolvimento tecnológico e consolidou a formação do capitalismo, houve elevado desemprego, fome e miséria em grande parte da população da Europa. Esse foi o estopim para o surgimento das cooperativas: um modelo socioeconômico, baseado na cooperação e em princípios, com objetivo comum de promover o desenvolvimento social através da atividade econômica.

As cooperativas podem servir de inspiração como um modelo organizacional que contagie os executivos e acionistas das organizações não cooperativas, a fim de se posicionarem de forma mais justa e equilibrada com todos os seus interessados em seu ecossistema. As cooperativas são consideradas uma sociedade de pessoas, em que suas decisões estratégicas são tomadas democraticamente pelos seus membros (simultaneamente, donos e clientes do empreendimento), os quais têm direito a um voto, independentemente do seu módulo. Contudo, o resultado da organização ao final de cada exercício é distri-

buído de forma equitativa e proporcional às operações realizadas por cada um dos membros **(Tabela 1)**. As cooperativas possuem propósito e têm construído um grande legado ao longo de sua história.

Desde Rochdale, o movimento das organizações cooperativistas tem se expandido ao redor do mundo e alterado diversas realidades com seus princípios, convicções e essência. Atualmente, há cerca de 3 milhões de cooperativas no mundo, divididas em sete ramos de negócios, com 1,2 bilhão de membros, cerca de 280 milhões de empregos gerados e presente em mais de 150 países. As 300 maiores cooperativas do mundo têm faturamento anual de US\$ 2,1 trilhões. Ao longo dos anos, as cooperativas têm se profissionalizado, incorporado boas práticas de governança corporativa e promovido desenvolvimento local com acesso global em seus negócios.

As cooperativas estão distribuídas em sete ramos, com o objetivo de proporcionar maior organização, foco em suas demandas específicas e facilitar a atuação dentro de cada modelo socioeconômico. Os ramos do cooperativismo são: agropecuário, consumo, crédito, trabalho e produção de bens e serviços, infraestrutura, transporte e saúde. No Brasil, os três primeiros ramos destacam-se pelo maior número de cooperados, em que, juntos, representam atualmente cerca de 14 milhões de membros. Cabe ressaltar que o ramo crédito (cooperativa financeira) tem crescido sobremaneira nos últimos anos e já congrega 78% destes cooperados. Nos últimos oito anos, a adesão de membros nas cooperativas cresceu 62% e proporcionou 43% de incremento na geração de empregos.

Os ramos das organizações cooperativas seguem uma doutrina única sob sete princípios cooperativistas, os quais constituem sua essência e o seu diferencial. Dentre eles, a gestão democrática promove um alto engajamento e senso de pertencimento dos seus membros, enquanto que o princípio do interesse pela comunidade reafirma o compromisso das cooperativas com a comunidade onde estão inseridas. O cooperativismo tem proporcionado o equilíbrio entre o econômico e o social.

Ao longo da história, revoluções, grandes guerras mundiais e pandemias causaram profundas mudanças que impactaram os países e refletiram em escala mundial. A revolução industrial trouxe mudanças socioeconômicas que impactaram na construção da sociedade atual. Uma destas transformações foi o impulso ao surgimento do cooperativismo, um movimento que atenuou a exclusão social e a concentração de renda.

A transformação cultural das organizações e do modelo capitalista tradicional já estava lentamente em curso. Grandes crises têm o predicado de acelerar a história. Essa pandemia de Covid-19 certamente também irá acelerá-la. Somado a este impulso, há uma mudança geracional que tem promovido mudanças importantes no comportamento das pessoas. As duas últimas gerações, principalmente a Z, extremamente conectada, inclusiva e com grande senso de responsabilidade socioambiental, assumirá em breve posições de liderança e com a consciência de construir um mundo melhor através dos negócios.

Quando esse nosso desafio coletivo passar, o mundo será outro. A nossa relação com as pessoas e nos negócios será diferente. Rochdale pode ser a luz e a inspiração para uma nova sociedade.

Tabela 1: Principais características entre organizações em cooperativas e de mercado

	COOPERATIVA	MERCADO
Natureza	Sociedade de pessoas	Sociedade de capital
Objetivo	Prestar serviços	Lucro
Gestão	Cada cooperado, um voto	Voto por ações
Resultados	Pro rata	Por ações
Quórum	Número de pessoas	Volume de capital
Quota-parte	Limitado	Ilimitado
Propósito	Bem-estar coletivo	Crescimento econômico

PARA SE APROFUNDAR NO TEMA

CHADDAD, Fábio R.; COOK, Michael L. **Understanding new cooperative models: an ownership-control rights typology**. Oxford, 2004. Disponível em: <https://academic.oup.com/aep/article-abstract/26/3/348/7519?redirectedFrom=fulltext>>. Acesso em: 08 mai. 2020.

FINK, L. **A sense of purpose**. 2018. Disponível em: <https://corpgov.law.harvard.edu/2018/01/17/a-sense-of-purpose/>. Acesso em: 07 jun. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS. **Manual de Boas Práticas de Governança Cooperativa**. 2018. Disponível em: <<https://www.ocb.org.br/publicacao/16/manual-de-governanca-cooperativa>>. Acesso em 22 jun. 2020.



É professor Convidado da Fundação Dom Cabral, doutor em Agronomia pela Universidade Estadual Paulista/UNESP.

JOSÉ
ANTONIO
DE SOUZA
ROSSATO
JUNIOR

